

## **Reflexos de uma Ocupação Cultural**

### **Livro de Armando Silva sobre o processo imigratório na Colômbia sugere outra forma de ocupar territórios no atual panorama mundial**

*Diego Antonelli*<sup>1</sup>

Imaginar um país ocupar outro, neste período em que as forças bélicas ultrapassam limites territoriais, possibilita que a população presuma que mais uma iminente luta armada está por vir. O motivo é histórico.

Nos séculos XX e XXI ocorreram diversos exemplos de atrocidades provocados pela ganância e disputa de espaços físicos. O mais recente caso trata-se dos Estados Unidos invadindo o Iraque, sob o pretexto de acabar com as (im)possíveis armas químicas desse país. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os judeus, a mando das Organizações das Nações Unidas (ONU), tomaram posse de território palestino. O reflexo desta ação pode ser visto ainda hoje. Passados mais de 50 anos, homens-bomba denotam a violência do Oriente Médio. No entanto, nem toda ocupação é sinônimo de morte e destruição.

Durante estes mesmos séculos o mundo assistiu à várias outras ocupações que não resultaram em guerra. É o caso das imigrações européias para a América Latina. Portugueses, espanhóis, poloneses, ucranianos e, principalmente, alemães e italianos vieram para cá, proporcionando uma expressiva contribuição cultural, gastronômica e arquitetônica a diversos países. Os maiores beneficiados com esta imigração foram brasileiros e argentinos.

No Brasil ainda é possível degustar da culinária do Velho Continente provocada por esta “invasão” estrangeira. A Argentina - país que tem a “capital mais européia da América” - possui traços arquitetônicos inspirados em modelos europeus. Porém, não foram apenas estas duas nações que mais registraram influências provindas do outro lado do Atlântico.

Os colombianos também tiveram influências italianas no país. Muitos imigrantes chegavam a este país com vontade de morar ou no Brasil ou na Argentina. Mas alguns decidiam tentar a sorte na Colômbia e ali permaneceram. É desse fato que Armando Silva,

---

<sup>1</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), participa do Programa PIBIC/CNPq/UEPG. E-mail: [diego-antonelli@bol.com.br](mailto:diego-antonelli@bol.com.br)

professor da Universidad Nacional de Colombia, trata no livro *Cultura Italiana en Colombia – Reflexión sobre etnias y mestizajes culturales*.

Através de uma atenta descrição cronológica sobre diversas obras nos mais distintos campos realizados pelos italianos, o autor discute a chegada de estrangeiros em um país que não teve uma imigração massiva como característica principal. Apesar disso, as contribuições italianas passam por diversas áreas, tais como: cinema, arquitetura e pintura.

Até mesmo a atual imagem geográfica da Colômbia foi desenhada pela primeira vez por um italiano, Agustín Codazzi, que desembarcou no país no dia primeiro de abril de 1849. Se não bastasse isto, o Hino Nacional, escrito em 1887, teve letra também de um italiano: Rafael Nuñez. E somente em 1920 foi adotado como hino oficial da República Colombiana. “Así, dos de los símbolos más característicos en la constitución de una nación, su carta geográfica y su hino nacional, los debemos a inspiración italiana”, explica Silva (p.2).

Antes de abordar a corrente imigratória dentro do país, o autor contextualiza resumidamente a história da Itália a fim de melhor explicar o egresso populacional que ocorreu naquele país. O livro lembra que, durante muitos anos, no final do século XIX, a emigração italiana foi a maior da Europa devido ao nível de pobreza dos cidadãos. Entre diversas razões, Silva (p.7) aponta algumas delas: “Las medidas sancionadas por las autoridades competentes con el fin de sacar el país de las crisis”, “las condiciones sociales de la mayoría de la población”, mais o “deseo de recurrir a la emigración como válvula para aliviar las presiones sociales”.

Mesmo com um número inferior de estrangeiros chegando ao país, a Colômbia teve um número significativo que tiveram peso em sua vida cultural. Afinal, é através da cultura que o ser humano tem capacidade de sistematizar atitudes que caracterizem determinada sociedade, ou seja, um dos elementos fundamentais para se auto-afirmar como uma nação.

### **Os italianos em solo latino**

Um dos exemplos é o cinema que cresceu na Colômbia graças aos italianos Vicente e Francisco Di Domenico. Em 1912, eles fizeram sua primeira exibição em Bogotá, no Teatro Olympia, com 3000 espectadores. O filme em questão foi o, também italiano, *Il*

*romanzo di um giovane povero*. Segundo o autor, se evidencia dessa forma que a primeira película exibida no país não só foi trazido por italianos, mas também dirigida e produzida por pessoas da mesma nacionalidade. Mais uma prova de que uma ocupação não caracteriza apenas reflexos negativos em um país. O único defeito na referida exibição foi a presença explícita da diferença social colombiana: houve uma divisão de classes pela ordem na fila.

No ano seguinte (1913), os Di Domenico filmavam nas ruas uma espécie de diário de atualidade, o que representou o primeiro intento nacional de se produzir cinema. Mas, segundo Silva, somente a partir da década de 1920 é que se pode falar em um cinema relativamente estável e produtivo. “La versión de *María*, de Jorge Isaacs (...), filmada en el Valle del Cuaca entre 1912 y 1922, fue nuestro primer clásico del cine hecho por herederos del aporte inicial italiano”, diz Armando Silva (p.18).

Assim, é que se fomentou a produção cinematográfica na Colômbia. Diga-se de passagem que um cinema também é essencial para um país formar sua identidade e, até mesmo, independência cultural.

Se não bastasse o cinema, outra arte reconhecida como iniciativa italiana é a fotografia. Em 1865, Barraquilla contava com o primeiro estúdio fotográfico da Colômbia, sob propriedade do imigrante italiano Salvatore Ricci. Conforme Silva, a arte fotográfica, assim como o cinema, se desenvolveu quase simultaneamente que nos países europeus devido à vinda dos imigrantes. A influência italiana não ficou restrita aos tempos de imigração. São vários os estudantes que hoje viajam a Europa a fim de aprimorar o conhecimento sobre cinema e fotografia, ajudando a Colômbia a melhor desenvolver estas artes.

A história arquitetônica colombiana é outro campo que registra marcas italianas. Os movimentos racionalistas, uma forma de fazer arquitetura como oposição às academias historicistas do século XIX, influíram nas atuais construções que podem ser vistas na Colômbia.

Uma das maiores construções, tida como a mais bela e acabada obra de toda arquitetura colombiana, o Teatro Colón, foi edificado pelo italiano Pietro Cantini, com instalação elétrica da empresa florentina Mallenchini e Cia. A sala do teatro é em forma de ferradura, com três fileiras de palcos individuais e um palco geral, ou *gallinero*, em

linguagem local. Nesse teatro, educar não era prioridade. “Desde el comienzo, se planteó que sería un recinto para la aristocracia. (...) Un interés particular por la ópera, quiriendo dar imagen con ello de una élite culta”, observa Silva (p.38).

As construções das casas também sofreram mudanças com a presença italiana no país. Se antes as residências eram úmidas e escuras, tiveram uma alteração total e definitiva, conforme aponta o escritor: “con asoleación y ventilación directa para todas las habitaciones” (p.42).

Silva não se restringe a apontar influências culturais para Colômbia provindos da imigração italiana. Ao relatar alguns traços da pintura européia para o país, aponta que os primeiros anos da formação da república colombiana coincidiram com um alto grau de conflitos sociais e, conseqüentemente, de pobreza. Da mesma forma que os conflitos entre a alta burguesia e a classe de artesões. “Fue Andrés Santamaría quién pudo superar la estrechez del medio por su educación europea e ignorar una actitud tan reaccionaria de la aristocracia”, explica o autor (p.59). Ou seja, havia grupos conservadores contra os movimentos renascentistas e impressionistas que, por sua vez, influenciavam artistas colombianos. A partir disso, a elite boicotava as artes produzidas a partir de modelos europeus. A influência continua, pois colombianos vão à Itália aprimorar suas habilidades artísticas.

Os reflexos da cultura italiana não são poucos na Colômbia. Há, ainda, resquícios na música, no direito e também na ideologia esquerdista. O romano Pietro Biava contribuiu para o desenvolvimento da música clássica em meados de 1926, fundando um quarteto de cordas na Escola de Bellas Artes. Sem contar que a música que mais representa o país, o Hino Nacional, foi composta por um italiano.

O direito romano é, da mesma maneira que em outros países, estudado por quem cursa a faculdade de Direito. Em relação às ideologias, o colombiano Jorge Eliécer Gaitán ao retornar de seus estudos na Itália trouxe o ideal socialista ao país latino. Virou líder político, porém com destino trágico: a voz da burguesia conservadora falou mais alta e, em 1948, assassinaram Gaitán. Sem contar, a presença da Igreja Católica Romana em toda América Latina, interferindo diretamente no modo de pensar e agir de diversas pessoas ao implantar uma educação rígida e ortodoxa.

Após todos estes apontamentos realizados por Armando Silva, seria válido persistir no pensamento de que o ato de ocupação é tão somente uma forma de dominação e subordinação? Seria mais apropriado (re) pensar que uma atitude recíproca tem muito mais a influir na atual sociedade, na qual o individualismo persiste como marca registrada e pungente dos chefes de estado. O livro de Silva, mesmo retratando referências forjadas em séculos passados, sugere uma outra forma de ocupação, na qual, assim como Ernest Hemingway, poderia-se dizer “Adeus às Armas”.

SILVA, Armando. *Cultura Italiana en Colombia – Reflexión sobre etnias y mestizajes culturales*. 1º Edición. Santafé de Bogotá: Tercero Mundo Editores, 1999. 101 páginas.